

## A SANTIDADE DA IGREJA NO PENSAMENTO DE JOÃO PAULO II (1978-2005)

---

*Miguel de Salis Amaral*  
Roma

Com a morte de João Paulo II, o mundo apercebeu-se da importância da sua figura na Igreja e fora dela. Além duma vida cheia de acontecimentos, de atitudes e experiências, o Papa João Paulo II deixou um Magistério rico, cheio de ensinamentos que, nos próximos anos, a Igreja continuará a usar na sua missão de transmissão e aprofundamento da fé.

Estes 26 anos de pontificado precisam de ser *re-percorridos* para nos apercebermos cada vez melhor da sua riqueza. O mistério de Cristo, a dignidade da pessoa humana em todos os momentos da sua vida, a comunhão eclesial, o desmascaramento do comunismo e de todos os sistemas ateus empobrecedores do homem... são alguns dos temas que brilham no firmamento deste pontificado. Só estes poucos temas já mostram aquilo que é óbvio: não há uma única leitura a fazer deste pontificado; podem fazer-se várias, todas enriquecedoras. Aqui pretendemos propor só uma, por diversas razões: porque nos chamou a atenção, porque nos parece ser pastoralmente enriquecedora, porque cresceu em importância ao longo do seu pontificado e porque pensamos que poderia ajudar nesse aprofundamento da fé que o tesouro dos seus ensinamentos nos convida a realizar. Trata-se da santidade da Igreja.

## 1 A importância da santidade no seu Magistério e no seu pontificado

Como é bem sabido, a santidade é um tema que já tinha aparecido no Magistério de João Paulo II antes de ser eleito Papa, tendo sido uma das suas prioridades no planeamento pastoral naquele então e, depois, durante o seu pontificado<sup>1</sup>. Além disso, foi o pontífice que elevou mais fiéis aos altares na história da Igreja. Nesse sentido, fez mais que confirmar a linha crescente de beatificações e canonizações à qual a Igreja assistiu, ao longo de todo o século XX. Estes dados merecem, por si sós, uma reflexão que nos abra perspectivas sobre o mistério da Igreja no que respeita à sua santidade.

Além dessas razões, pensamos que é importante ter em conta que no evento eclesial mais importante do século XX – o Concílio Vaticano II – proclamou-se solenemente a vocação universal à santidade<sup>2</sup>. Já então, poucos anos depois, Paulo VI considerava que essa era uma das grandes reflexões que o Concílio tinha dado à Igreja<sup>3</sup>. Enfim, no início do terceiro milénio (6-I-2001), o Papa João Paulo II propôs o quinto capítulo da Constituição Dogmática sobre a Igreja como guia para a ação pastoral de toda a Igreja, na sua Carta Apostólica *Novo Millennio Ineunte*. Dizia, então, o Santo Padre: “Se os Padres conciliares deram tanto relevo a esta temática, não foi para conferir um toque de espiritualidade à eclesiologia, mas para fazer sobressair a sua dinâmica intrínseca e qualificativa”<sup>4</sup>. Isto é, se olharmos para a I-

---

<sup>1</sup> Cf. K. WOJTYLA, *Alle fonti del rinnovamento. Studio sull'attuazione del Concilio Vaticano Secondo*. Città del Vaticano 1981, p. 171; cf. Carta Ap. *Novo Millennio ineunte*, n. 30s, bem como vários discursos e alocações.

<sup>2</sup> Cf. Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, Cap. V.

<sup>3</sup> Cf. PAULO VI, Motu proprio *Sanctitas clarior* (19-III-1969), em EV 3/ 847.

<sup>4</sup> JOÃO PAULO II, Carta Apostólica *Novo Millennio ineunte*, n. 30, Lisboa 2001, p. 40 (no texto usaremos a sigla *NMI*); em termos parecidos se expri-

greja como mistério, descobriremos a sua santidade e a sua vida em Deus. Essa santidade é-nos dada pelo Batismo, como dom que está destinado a plasmar-se na vida de todos e cada um dos fiéis<sup>5</sup>.

## 2 A experiência de santidade do povo de Deus

A pertença ao Povo de Deus não é uma realidade que afeta só uns determinados aspectos da vida do homem, como não abrangia só uns determinados aspectos da vida de Israel. Além disso, essa pertença exigia muito por parte do Povo. No Pentateuco, especialmente no livro do Êxodo, lemos a realização da Aliança entre Deus e Israel, que passa a ser o Povo Santo de Deus. Essa santidade tem uma série de aspectos rituais (nos quais não nos vamos deter), conotados com a santidade ou pureza ritual, e tem uma série de outros aspectos de santidade moral. Os dois são conseqüência da proximidade de Deus, que caminha com o seu Povo pelo deserto<sup>6</sup>.

Efetivamente, Israel exulta e gaba-se de que não haja no mundo um povo que tenha os seus deuses tão próximos<sup>7</sup>. Essa

---

miu, na Exortação Apostólica Pós-sinodal *Christifideles laici* (30-XII-1988), n. 16, em EV 11/ 1661-1665.

<sup>5</sup> «Na verdade, colocar a programação pastoral sob o signo da santidade é uma opção carregada de conseqüências. Significa exprimir a convicção de que, se o Batismo é um verdadeiro ingresso na santidade de Deus, através da inserção em Cristo e da habitação do seu Espírito, seria um contra-senso contentar-se com uma vida medíocre, pautada por uma ética minimalista e uma religiosidade superficial. Perguntar a um catecúmeno: «Queres receber o Batismo?» significa ao mesmo tempo pedir-lhe: «Queres fazer-te santo?» Significa colocar na sua estrada o radicalismo do Sermão da Montanha: «Sede perfeitos, como é perfeito vosso Pai celeste» (Mt 5, 48)». JOÃO PAULO II, Carta Apostólica *Novo Millennio ineunte*, 6-1-2001, n. 31, p. 41 (citaremos sempre a edição portuguesa: Lisboa, 2001).

<sup>6</sup> Cf. *Ex* 14, 19 y 23, 20s.

<sup>7</sup> Cf. *Dt* 4, 7.

proximidade de Deus em relação a Israel exige, da parte do Povo, a pureza moral e ritual. O Povo de Deus é um Povo Santo, porque Deus o escolheu e libertou, porque Deus o tomou para si, porque fez uma aliança com ele e caminha com ele pelo deserto em direção à terra prometida. Poderíamos dizer que primeiro está a eleição gratuita de Deus, que livra e realiza a Aliança, e pede – depois – a Israel que viva de acordo com a eleição de que foi objeto, caminhando na presença daquele que o escolheu<sup>8</sup>.

Essas considerações podem-se aplicar à Igreja, novo Israel, povo congregado na unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo, que pertence a Deus. Quando dizemos que a Igreja é de Deus, não estamos simplesmente a dizer em quem tem origem ou quem a convoca, mas também aludimos à sua pertença a Deus e, portanto, à sua santidade e à exigência de santidade de todos aqueles que foram chamados a ela. Muitas vezes a mensagem dos evangelhos exorta a não contentar-se com a pertença legal ao Povo eleito<sup>9</sup>. Poderíamos dizer que, na medida em que o Povo eleito é visto com os olhos da carne, a pertença a ele não inclui um aperceber-se da santidade, que só se descobre na lógica da fé na promessa da nova Aliança. Em termos análogos isto acontece hoje na Igreja: na medida em que o cristão conhece, com mais profundidade, o mistério da Igreja, sabe-se chamado à santidade e descobre que esse chamamento está dirigido a todos os que pertencem a ela e não só a uns poucos<sup>10</sup>.

---

<sup>8</sup> Cf. *Dt* 8, 1-6.

<sup>9</sup> Em certo sentido, a conversão pregada por São João Batista tem este sinal: “Produzi, pois, verdadeiros frutos de penitência, e não vos justifiqueis interiormente dizendo «temos por pai a Abraão!», porque eu vos digo que Deus pode fazer destas pedras filhos de Abraão” (*Mt* 3, 8s; cf. também *Jo* 8, 30-39).

<sup>10</sup> Durante o século XX, foram vários os momentos em que os Papas chamaram a atenção para este chamamento de todos à santidade (cf. V. BOSCH CANO, *Los precedentes de la llamada universal a la santidad del Concilio Vaticano II en el magisterio del siglo XX*. In T. TRIGO (ed.), “Dar Razón de la Esperanza. Homenaje al Prof. Dr. José Luis Illanes”, Pamplona, 2004, p. 809-826. No caso de João Paulo II, veja-se, por exemplo, a Exortação Apostó-

Já vimos que a proximidade de Deus é um tema muito relacionado com a santidade no Antigo Testamento. Da mesma forma, a presença de Cristo – a sua proximidade – a cada fiel na Igreja está muito relacionada com a santidade da Igreja e com a santidade *na* Igreja. Nesse sentido, a pregação sobre a presença de Cristo na Igreja e sobre o encontro com Cristo na Igreja adquire mais importância e determina de algum modo a especificidade da Igreja<sup>11</sup>. Trata-se dum tema repetido várias vezes nos ensinamentos do Santo Padre João Paulo II, tanto diretamente, como indiretamente, nas exortações à oração, à comunhão com Deus, à penitência e à eucaristia.

---

lica Pós-Sinodal *Christifideles laici* (30-12-1988), n. 16; *Discurso aos bispos amigos do Movimento dos Focolares*. “L’Osservatore Romano” (19-II-2004) 5; *Discurso a um grupo de bispos dos Estados Unidos da América em visita ad limina*. “L’Osservatore Romano” (30-IV-2004) 4.

<sup>11</sup> “Mais la différence entre «sainteté» à Qûmrân et dans le christianisme primitif est fondée encore plus profondément dans une diversité de la pratique de l’effort moral. Ce n’est qu’en considérant le processus de la sanctification qui procède de Dieu vers l’homme, que nous pouvons reconnaître ce qui rend intrinsèquement étrangères l’une à l’autre cette secte juive et l’Église de Jésus-Christ, et en même temps le caractère propre et singulier de celle-ci. Toute libération du péché et sanctification dans l’Église primitive, non seulement provient de Dieu, mais a lieu aussi par Jésus-Christ et en union avec lui” (R. SCHNACKENBURG, *L’Église dans le Nouveau Testament. Réalité et signification théologique. Nature et mystère de l’Église*. Paris: Cerf, 1964 (tr. do alemão de 1961), p. 150). “Quella della santità è una nota o qualità ontologica della Chiesa, e non un semplice epifenomeno più o meno accidentale. Essa tocca cioè lo stesso essere, la stessa persona della Chiesa. Appartiene alla sua essenza in quanto Corpo mistico di Cristo e tempio vivo dello Spirito. (...) La santità della Chiesa è radicata in Cristo, perché deriva da Lui. Essa è santa, perché Cristo l’ha amato con un amore che lo spinse a dare la vita per lei. L’amore di Dio è sempre santificante. E Cristo è l’amore di Dio, fattosi tempo e storia. La Chiesa è santa, inoltre (...) perché l’ha congiunta a sé come suo Corpo. Va ricordato che la santità (...) consiste essenzialmente nell’unione con Cristo” (J. SARAIVA MARTINS, *La Chiesa all’alba del terzo millennio, Riflessioni teologico-pastorali*. Città del Vaticano, 2001, p. 78).

### 3 Uma reflexão com base na carta *NMI*, n. 30s

Embora o Papa não trate da santidade só na carta *Novo Millennio ineunte*, vamos centrar-nos nela e acrescentar alguns ensinamentos de outros documentos anteriores ou posteriores, visto que essa Carta Apostólica foi se revelando cada vez mais como uma pauta orientadora da segunda parte do seu pontificado. O Santo Padre João Paulo II propunha que a programação pastoral estivesse sob o signo do chamamento universal à santidade<sup>12</sup>. Isso significa aperceber-se melhor da força do batismo (e do sacramento da confirmação, pela sua direta referência ao batismo). Que tipo de cristão temos diante de nós, quando nos dispomos a ver o batismo como entrada na santidade de Deus pela inserção em Cristo e a habitação do Espírito Santo nele? Certamente um filho de Deus, chamado a identificar-se com Cristo, fazendo a vontade do Pai. Mas isso significa viver as virtudes, de acordo com a medida do dom que o cristão recebeu, que é a medida de Cristo.

Trata-se duma medida elevada, alta e aberta, que algumas vezes é possível esquecer. As razões para esse esquecimento são variadas, e na sociedade atual podem-se descobrir várias. Por exemplo, uma deficiente compreensão do dom de Deus pode levar a diminuir ou empequenecer o horizonte do cristão. Outras vezes, é a mesma experiência da derrota ou das dificuldades que aparecem nesse processo de “encarnação” da fé na vida diária, o que tende a reduzir o horizonte que Deus tem previsto para o homem. Outras vezes, é uma fé débil. Enfim, uma antropologia sobrenatural minimalista também pode reduzir as possibilidades e a exigência à partida. Perante essas experiências, a ação pasto-

---

<sup>12</sup> “Colocar a programação pastoral sob o signo da santidade é uma opção carregada de conseqüências (...) É hora de propor de novo a todos, com convicção, esta «medida alta» da vida cristã ordinária...” (*Novo Millennio ineunte*, n. 31, p. 41).

ral que o Santo Padre preconizava para o terceiro milênio da Igreja tendia a fortalecer a fé, a esperança e a caridade em dois sentidos fundamentais:

– afirmando a possibilidade de o homem chegar à santidade no tempo atual da história da Igreja; nesse sentido, as beatificações e canonizações, realizadas durante o seu pontificado, foram uma constante recordação de que homens e mulheres de todos os tipos e épocas realizaram essa identificação com Cristo;

– chamando toda a Igreja a um conhecimento mais aprofundado e meditado das fontes da vida cristã (a relação com Cristo na oração e nos sacramentos, especialmente na eucaristia)<sup>13</sup>. Este segundo sentido notou-se principalmente nas audiências das quartas-feiras, onde sistematicamente o Papa foi fazendo uma catequese da oração, através dos Salmos e Hinos litúrgicos, e na dedicação dum ano ao Terço e outro à eucaristia.

O texto da *NMI*<sup>14</sup> sugere-nos três pontos que impulsionem a pedagogia da santidade na ação pastoral da Igreja: a) o profundo convencimento de que todos estão chamados à mesma santidade, isto é, a um alto grau no exercício das virtudes cristãs

---

<sup>13</sup> Numa ocasião mais recente, o Papa sublinhava este aspecto: “A participação quotidiana na eucaristia, alimento de vida eterna, é capaz de transformar a existência dos crentes. (...) A eucaristia infunde a valentia e a alegria de ser santos. Este tempo jubilar é, portanto, uma ocasião propícia para aprofundar na vocação universal à santidade. O mundo precisa antes de mais nada de santos e santas”( JOÃO PAULO II, *Mensagem ao bispo de Mântua por ocasião do XII centenário da fundação da diocese*. “L’Osservatore Romano” (20-VI-2004) 4. [A tradução é nossa].

<sup>14</sup> “Se o batismo é um verdadeiro ingresso na santidade de Deus através da inserção em Cristo e da habitação do seu Espírito, seria um contra-senso contentar-se com uma vida medíocre, pautada por uma ética minimalista e uma religiosidade superficial (...). Como explicou o Concílio, este ideal de perfeição não deve ser objeto de equívoco vendo nele um caminho extraordinário, percorrível apenas por algum «gênio» da santidade. Os caminhos da santidade são variados e apropriados à vocação de cada um” (JOÃO PAULO II, Carta Ap. *Novo Millennio ineunte*, n. 31, p. 41).

(que leva a uma exigência e uma abertura de horizontes em todos os fiéis)<sup>15</sup>; b) a convicção de que todos dispõem dos meios necessários para atingi-la (os encontros com as fontes da santidade que estão no tesouro da Igreja), e, c) de que essa santidade não é uniforme, nem se dá a todos da mesma forma (encontrando e propondo modos diferentes de seguir a Cristo e de viver as virtudes que sejam realmente vias pelas que a vida de fé se encarne e respire nos diversos ambientes de cada cristão; estimando e dando valor aos vários modos de seguir a Cristo).

Talvez se pudesse resumir os dois números da *NMI* dedicados à santidade como sinal sob o qual propor a programação pastoral, em dois vetores: um eclesiológico e outro espiritual. Sob o primeiro, o Santo Padre convidava a considerar que o mistério da Igreja, da sua missão e da sua santidade, não podem separar-se. Missão e santidade são dois aspectos que estão firmemente enraizados no dom sacramental do Senhor e não noutra sítio, porque o mistério da Igreja segue a lógica de Deus e não a lógica do mundo. Podia inclusivamente dizer-se que, visto que a Igreja segue a lógica de Deus, é capaz de realizar a sua missão. Se ela se apoiasse noutra sítio, não teria forças para realizar a missão que o seu Senhor lhe confiou, e todos os seus esforços seriam vãos. Sob o segundo vetor está a proposta de um alto grau de santidade, que não está vinculado a uma forma concreta de espiritualidade ou a determinados atos de virtude (a prova disso são as beatificações e canonizações, muito variadas, já referidas).

---

<sup>15</sup> Cf. A. CAZZAGO, *Santi e santità nel magistero di Giovanni Paolo II. Communio* 186 (2002) 32s.

#### 4 Um desafio para a teologia da Igreja

Esses dois vetores apresentam-se a nós, cristãos do terceiro milênio, como dois caminhos da teologia. O primeiro caminho da teologia estaria marcado pelo desafio de ver a Igreja numa forma mais completa, que mostre melhor a ligação entre o seu ser e a sua missão santificadora, fugindo de lógicas instrumentalizadoras que provêm numa santidade que é vista como salvação de algumas dimensões do homem ou como a satisfação de algumas das suas aspirações. Nesse modo mais completo de ver a Igreja, está a superação (que não deve ser entendida como supressão) daquele modo de expor a santidade da Igreja que, tentando sublinhar a eficácia dos sacramentos celebrados por ministros indignos, deixou na penumbra o reflexo das virtudes dos ministros e contribuiu à separação das dimensões espiritual e eclesial da santidade.

O segundo caminho da teologia estaria marcado pelo convite a fugir de uma excessiva esquematização da santidade, típica na teologia clássica, que a mostrava vinculada a determinados estados de vida, a determinados modos de viver as virtudes (que se apresentavam como os mais altos ou os mais excelentes). Poderíamos dizer que em João Paulo II assistimos a uma santidade que não está uniformizada por nenhum modelo de vida ou forma de agir. O modelo da santidade não é um determinado estado de vida concreto na Igreja: é simplesmente Cristo. Enfim, a santidade brota da aceitação do dom de Deus, que sempre é o *prius* que orienta e convida à resposta, e não de um procedimento mais ou menos expeditivo, previsível ou controlável por parte do homem. Por isso, a santidade não consiste numa vida extraordinária (que só seria acessível a pouca gente, sejam eles os pobres, os oprimidos, os religiosos ou outro tipo de pessoas). A santidade também não está na realização de determinadas ações a

favor da humanidade ou dos mais necessitados<sup>16</sup>, embora tais ações não deixem de ser necessárias – e às vezes dramaticamente urgentes – no mundo.

Com frequência, no discurso sobre a santidade, fala-se da iniciativa divina e da aceitação do dom, por parte do homem, opondo-a a uma santidade que se baseia na observância duns determinados preceitos, ou num determinado modo de viver as virtudes. Essa oposição, diferente das anteriores considerações, parece ser muito empobrecedora da vida da Igreja e, portanto, da sua santidade.

Seja como for, há um grande espaço de desenvolvimento do discurso ao que o Santo Padre João Paulo II convidou toda a Igreja, relacionado com a resposta continuada e normal ao dom de Deus. O Papa, na *NMI*, refere-se com vigor à santidade que é fruto do dom de Deus e da resposta do homem (múltipla e variada, que não é classificável nos moldes do extraordinário, nem numa determinada condição de vida na Igreja, nem num peculiar modo de viver as virtudes). A variedade surge duma consideração da santidade que já não se vê só no início (na conversão ou na irrupção do dom de Deus no homem que o acolhe), nem só em determinadas circunstâncias da vida do homem, nem desde o ponto de vista escatológico. Surge duma santidade que se realiza nas respostas a Deus, que acontecem nas circunstâncias mais ordinárias. Essas respostas são fruto dum alto grau de virtude, que se manifesta na vida habitual de cada um. Esse espaço supõe uma santidade não-estereotipada, nem decalcada num modelo amorfo, e sim uma santidade que se faz na luta diária por seguir a Cristo, vivendo em alto grau as virtudes. Aquele que esteja convencido de que é possível viver esse alto grau das virtudes,

---

<sup>16</sup> A santidade não está em fazer determinadas ações, e sim no amor de Deus e ao próximo, por Deus. Nesse sentido, é a partir da santidade que brotam as ações santas. Um autor moderno, falando de um santo, dizia que “não foi santo, porque foi caritativo, foi caritativo, porque foi santo”.

nas circunstâncias mais diversificadas, realizará, quase naturalmente, um programa pastoral renovado e ambicioso. Embora as dificuldades devam ser ponderadas, não é possível aperceber-se bem delas, sem ter em conta quem sustenta a Igreja, quem a chama à santidade e quem a faz ser santa e purificar-se incessantemente.

### **5 A santidade da Igreja como eco da ação de Deus e do cristão**

Neste apartado vamos considerar uma série de textos do Santo Padre João Paulo II que abrem o discurso sobre a santidade da Igreja a outros âmbitos de reflexão até agora pouco percorridos.

Desde o início do seu pontificado, ouvimos dizer que o homem é o caminho da Igreja<sup>17</sup>. Vale a pena recordar um aspecto da antropologia teológica, muito ligado com a espiritualidade e a santidade, que é o eco interior das ações do homem, onde também se vai forjando a identificação com Cristo, através da vida sacramental e do exercício das virtudes.

Atualmente, é muito comum encontrar uma idéia da virtude como ideal desejável, mas poucas vezes possível. Por isso, a virtude propõe-se muitas vezes como um ideal, mas frequentemente ela é vaporosa e flutuante (até a própria variabilidade dos sentimentos e dos afetos que ainda não foram integrados na personalidade pode levar a essa idéia evanescente de virtude). Com frequência, a virtude aparece como algo “acrescentado” ao ho-

---

<sup>17</sup> “O homem, na plena verdade da sua existência, do seu ser pessoal e, ao mesmo tempo, do seu ser comunitário e social (...) é o primeiro caminho que a Igreja deve percorrer no cumprimento da sua missão: ele é a *primeira e fundamental via da Igreja*, via traçada pelo próprio Cristo e via que inevitavelmente conduz através do mistério da Encarnação e da Redenção” (JOÃO PAULO II, *Redemptor Hominis* (4-III-1979), n. 14, em EV 6/ 1209). [Citamos a edição portuguesa, Braga, 1979, p. 48].

mem, que pode estar ou não estar presente em cada ser humano. De fato, é assim, mas isso não quer dizer que a idéia da natureza humana deva ser apresentada como um núcleo fixo com uns acrescentos (as virtudes), que podem existir ou não existir. A teologia tradicional considera as virtudes como qualidades, isto é, como acidentes que inerem na substância. Isso quer dizer que as virtudes são algo pelo que o homem se aperfeiçoa e *é* mais. Por isso a natureza humana é aberta e dinâmica, cresce e desenvolve-se através das virtudes. Nas ações humanas, não há só um efeito bom (ou mau) exterior, mas também algo que permanece no homem. Isso vem do efeito imanente da ação humana, aspecto sublinhado pelo Papa João Paulo II, na sua Encíclica *Laborem Exercens*, ao falar do efeito do trabalho no homem e considerar o trabalho na sua dimensão subjetiva<sup>18</sup>.

Vamos reter, desta primeira consideração, a importância fundamental de cada virtude para a natureza humana. A virtude faz com que o homem *seja mais homem*, afetando intimamente a sua natureza. A virtude não pode ser considerada como um mero acrescento.

Tal como há um efeito imanente da ação humana no homem, também há um efeito imanente no interior da *communio sanctorum*. Todas as nossas ações têm um “eco” na *communio* que é a Igreja, e fazem-na crescer em santidade. Essa realidade leva-nos à segunda consideração de alguns dos ensinamentos

---

<sup>18</sup> “Est autem labor hominis bonum – ac quidem bonum humanitatis eius – quia per eum homo *non solum mutat naturam*, suis necessitatibus eam accommodans, sed etiam *se ipsum ut hominem perficit*, immo quodammodo «magis homo evadit»” (*Laborem Exercens* (14-IX-1981), n. 9 em EV 7/1294). O Santo Padre dizia que o trabalho é um bem do homem porque, através do trabalho, em certo sentido faz-se mais homem. Sem este modo de ver não se entenderia, por exemplo, o significado da virtude da laboriosidade, mais precisamente, não se pode compreender por que é que a laboriosidade deve ser uma virtude; de fato a virtude, como atitude moral é aquilo pelo que o homem se torna bom enquanto homem.

luminosos deste pontificado, que tem em vista os referidos efeitos imanentes à *communio sanctorum*. Um deles é o do “pecado social”, cujo primeiro sentido é o de repercussão em toda a humanidade dos pecados pessoais de cada pessoa, em virtude da solidariedade humana (concreta e real, embora misteriosa). Segundo João Paulo II, trata-se da outra face da solidariedade que, no âmbito da caridade, se desenvolve no mistério da comunhão dos santos<sup>19</sup>.

O mistério da comunhão dos santos não foi nada acidental no Magistério e na atuação do pontífice. Um dos modos de ver a riqueza desse mistério é apreciá-lo na petição de perdão realizada pelo Santo Padre João Paulo II no ano jubilar, que deu azo a uma séria reflexão sobre o modo de falar da santidade da Igreja. Muitas vezes, o discurso que se faz sobre a Igreja santa, mas como pecadores, está perspectivado dentro duma lógica pessoal, na qual se esquece que o pecado tem uma dimensão social que repercute em tudo aquilo que, na Igreja, conhece a condição *in via*. Certamente o pecado dos membros não pode manchar ou estragar a santidade constitutiva da Igreja, nem a dos seus filhos já confirmados na graça. Mas todas as ações do fiel cristão *in via* têm uma repercussão social ou, se queremos, comunitária<sup>20</sup>. O Papa João Paulo II, ao pedir perdão pelos pecados de todos os cristãos, mostrou uma teologia de fatos: a dimensão social do pecado... e do perdão<sup>21</sup>. A essa dimensão há que acrescentar-se a

---

<sup>19</sup> Cf. JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Reconciliatio et Paenitentia* (2-XII-1984), n. 16 em EV 9/ 1114, onde se diz que “cada alma que se eleva, eleva o mundo”, expressão atribuída à escritora francesa Elisabeth Leseur: *Journal et pensées de chaque jour*, Paris, 1918, p. 31.

<sup>20</sup> Cf. JOÃO PAULO II, Carta Apostólica *Tertio Millennio Adveniente* (10-XI-1994), n. 35 em EV 14/ 1776, onde o Papa, seguindo uma linha já muito tradicional, lembra que os pecados e faltas dos cristãos mancham o rosto da Igreja impedindo-a de reflectir plenamente o rosto de Cristo.

<sup>21</sup> Cf. COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, *Memória e reconciliação. A Igreja e as culpas do passado* (7-III-2000), Lisboa, 2000, p. 31-34

dimensão social da virtude (as canonizações são um exemplo dessa “dimensão social” da virtude). A santidade também tem uma dimensão social, sendo como uma luz que ilumina e anima os irmãos no seu caminho para o Céu. Nesse sentido, cada santo realiza a missão da Igreja<sup>22</sup>. Canonizações, beatificações, petição de perdão, ensinamento sobre o “pecado social”... são realidades que têm algo em comum: são diferentes reflexos do mistério da comunhão dos santos.

João Paulo II também parece ter querido mostrar, mais em geral, a dimensão social (eclesial) das ações do cristão, que brota duma profunda consideração da Igreja como comunhão dos santos. A mensagem esperançadora dessa realidade é que tudo o que o cristão faz na sua luta ascética não se realiza num mundo em que só estão presentes Deus e cada fiel. A vida espiritual não se concentra numa perspectiva de “Deus e eu”, típica de algumas

---

(refere-se ao Cap. 3.4), onde se trata da dimensão social do pecado, da santidade e da petição de perdão na Igreja.

<sup>22</sup> “O santo é o testemunho mais esplêndido da dignidade conferida ao discípulo de Cristo” (JOÃO PAULO II, *Christifideles laici* (30-XII-1988), n. 16 em EV 11/1661 (citamos a edição portuguesa, Lisboa, 1989, p. 41). “O chamamento à missão deriva por sua natureza da vocação à santidade. Todo o missionário só o é autenticamente, se se empenhar no caminho da santidade (...). Pensemos, caros Irmãos e Irmãs, no ímpeto missionário das primitivas comunidades cristãs, não obstante a escassez de meios de transporte e comunicação de então. O anúncio do Evangelho atingiu, em pouco tempo, os confins do mundo. (...) Na base desse dinamismo missionário, estava a santidade dos primeiros cristãos e das primeiras comunidades. Dirijo-me aos batizados das jovens comunidades e das jovens Igrejas. Vós sois hoje a esperança desta nossa Igreja, que tem já dois mil anos: sendo jovens na fé, deveis ser como os primeiros cristãos, irradiando entusiasmo e coragem, numa generosa dedicação a Deus e ao próximo: numa palavra, deveis seguir pelo caminho da santidade. Só assim podereis ser sinal de Deus no mundo, revivendo em vossos países a epopéia missionária da Igreja primitiva. E sereis também fermento de espírito missionário para as Igrejas mais antigas” (JOÃO PAULO II, *Redemptoris missio* (7-XII-1990), n. 90s, em EV 12/ 726-728) [citamos a edição portuguesa: Lisboa, 1991, p. 151-153].

espiritualidades em voga, desde o início do século XVII; vai mais além. Nela intervêm muitos outros fiéis de forma misteriosa: a vida espiritual tem uma profunda dimensão eclesial<sup>23</sup>. Os irmãos estão integrados na vida de cada cristão, sem intervalos vazios nem oposições. A vida em Cristo e a vida de serviço aos outros não se opõem nem se separam, porque há umnexo profundo entre elas. Ao mesmo tempo, esse influxo misterioso dos outros em cada fiel (e de cada fiel nos outros irmãos) não exclui a responsabilidade pessoal, antes pelo contrário, a pressupõe e a afirma. Não parece possível deduzir, dos ensinamentos de João Paulo II, que as afirmações a favor da espiritualidade de comunhão fossem contra a responsabilidade pessoal pela identificação com Cristo.

Daquilo que acabamos de dizer, é fácil concluir que, no último pontificado, assistimos a uma intensificação duma determinada dimensão do discurso sobre a santidade da Igreja: a que se refere à repercussão das virtudes e da luta de cada cristão na santidade dos outros e de toda a Igreja. Essa dimensão da santidade da Igreja tem a sua importância, porque não é a ação de

---

<sup>23</sup> “Por força desta comunicação vital [do Espírito], cada batizado pode ser considerado, ao mesmo tempo, filho da Igreja, enquanto gerado nela para a vida divina, e Igreja Mãe, enquanto coopera com a sua fé e caridade a gerar novos filhos para Deus: é tanto mais Igreja Mãe quanto maior for a sua santidade, e mais ardente o esforço de comunicar aos outros o dom recebido” (COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, *Memória e reconciliação. A Igreja e as culpas do passado* (7-III-2000), Lisboa, 2000, p. 32). “Um cristão não pode reduzir-se aos seus problemas pessoais, pois tem de viver face à Igreja universal, pensando na salvação de todas as almas. Deste modo, até aquelas facetas que poderiam considerar-se mais íntimas e privadas – a preocupação pelo progresso interior – não são, na realidade, individuais, visto que a santificação forma uma só coisa com o apostolado. Temos de esforçar-nos, na nossa vida interior e no desenvolvimento das virtudes cristãs, pensando no bem de toda a Igreja, dado que não poderíamos fazer o bem e dar a conhecer Cristo, se na nossa vida não se desse um esforço sincero por realizar os ensinamentos do Evangelho” (S. JOSEMARIA ESCRIVÁ, *Cristo que passa*, n. 145, Lisboa, 1977, p. 252).

Deus isoladamente, nem se fixa só na ação de Deus em que o homem age como causa instrumental (estamos a pensar, concretamente, nos sacramentos: *ex opere operato*)<sup>24</sup>. Também não se trata de falar da santidade originária da Igreja, que é o próprio Deus, nem da sua santidade escatológica, que são âmbitos nos que o discurso sobre a santidade da Igreja encontra um amplo acordo com as comunidades surgidas da reforma e que nos situa numa idéia de santidade da Igreja muito próxima à idéia de indefectibilidade ou de firmeza. Os modos de falar da santidade da Igreja aos que acabamos de referir-nos são muito tradicionais e conhecidos desde os tratados medievais *De Ecclesia*, que tiveram de lutar contra os hussitas. Mas no pontificado de João Paulo II assistimos a algo diferente, a santidade da Igreja, que o Papa polaco sublinhou, parece ter incluído o amplo leque de ações de todas as virtudes<sup>25</sup>. Assim sendo, trata-se duma “santidade da Igreja”, que é fruto da ação de Deus e do cristão.

Uma das manifestações da importância desse novo campo da santidade da Igreja é o lugar que a experiência espiritual dos santos ocupa nos ensinamentos do anterior pontífice. Essa experiência é fruto da ação de Deus e do homem que lhe responde duma forma muito determinada, que o Papa João Paulo II usou

---

<sup>24</sup> A variedade de acontecimentos em que encontramos a ação conjunta de Deus e do homem foi recolhida pelo Catecismo da Igreja Católica, embora sublinhando o influxo do pecado do ministro: “A força do Espírito Santo não garante, do mesmo modo, todos os atos do ministro. Enquanto nos sacramentos esta garantia é dada, de maneira que nem mesmo o pecado do ministro pode impedir o fruto da graça, há muitos outros atos em que a marca humana do ministro deixa vestígios, que nem sempre são sinal de fidelidade ao Evangelho e podem, por conseguinte, prejudicar a fecundidade apostólica da Igreja” (*Catecismo da Igreja Católica*, n. 1550). [Citado da edição portuguesa, Coimbra, 1993].

<sup>25</sup> Que se costuma ver no âmbito da teologia espiritual e não no discurso ecle-siológico.

nos seus ensinamentos como lugar inspirador e como guia<sup>26</sup>. Essa experiência espiritual dos santos contribuiu, sem dúvida, a dar densidade existencial aos ensinamentos do Romano Pontífice sobre as mais variadas matérias. Se observarmos os seus ensinamentos, encontramos muito mais do que um conjunto de citações, com o fim de esclarecer uma doutrina, muito mais do que exortações a dar culto aos santos, porque o Papa quis mostrar, nesses ensinamentos, que a piedade pessoal dos santos encerra uma riqueza doutrinal para toda a Igreja, deixando, portanto, de ser vista como algo meramente pessoal, ou como uma mera comprovação da verdade no testemunho dalguns santos.

Estamos acostumados a ouvir falar de santidade como atributo divino. É verdade. Por isso, ao ouvir falar da santidade como fruto de Deus e do homem que lhe responde, estamos a olhar, na santidade da Igreja – tema que nos chamou a atenção – para uma dimensão diferente. Nela é fundamental e fundante a iniciativa divina, mas não é menos importante a correspondência humana, e as duas são afirmadas em conjunto e inseparavelmente<sup>27</sup>.

Talvez ajude a mostrar essa dimensão do discurso reler um texto de S. João Crisóstomo: “Uma vez inxertados pelo ba-

---

<sup>26</sup> Cf. JOÃO PAULO II, *Ecclesia de Eucharistia* (17-IV-2003), n. 62, em *AAS* 95 (2003) 474s. Lembramos, também, o papel que o Papa reservou a Nossa Senhora enquanto pessoa que viveu mais perto de Cristo.

<sup>27</sup> “La testimonianza dei santi oltre che preservare la Chiesa dalla mediocrità, possiede anche un secondo valore: quello di evitare che «la stessa dottrina religiosa e morale, predicata dalla Chiesa» venga equiparata o «confusa con un’ideologia puramente umana». «Essa –annotava Giovanni Paolo II– è invece dottrina di vita, cioè applicabile e trasferibile alla vita: dottrina ‘vivibile’ sull’esempio che ci dà Gesù stesso, il quale proclama ‘io sono la via’ (Gv 14, 8), e afferma di essere venuto per dare la vita e darla in abbondanza (cfr. Gv 10, 10). La santità non come ideale teorico...» (A. CAZZAGO, Santi e santità nel magistero di Giovanni Paolo II, *Communio* 186 (2002) 31s. As citações do Papa referem-se ao *Discurso na audiência para a apresentação do livro “Storia dei santi e della santità cristiana”* (15-II-1992) n. 2.

tismo no Corpo Místico de Cristo, e nutridos na seiva vivificante do seu Espírito, somos capazes de dar frutos sobrenaturais, pois desceram do Céu torrentes, não para remover a terra de modo que produza os seus frutos, e sim para induzir a natureza humana a devolver ao Agricultor divino o fruto da virtude dos homens”<sup>28</sup>. Neste texto afirma-se a capacidade de dar frutos sobrenaturais, em virtude da união a Cristo e ao Espírito Santo, como já vimos, ao longo destas considerações, mas diz-se algo mais: a ação divina não produz diretamente os frutos, há um “concurso” da ação humana que devolve a Deus os frutos *ao desenvolver-se* (sob o influxo da graça), isto é, ao crescer na virtude. Este Padre da Igreja tem diante de si o campo da mediação humana, movida pela graça. Não é estritamente divino, não é meramente humano, é um campo no que o humano e o divino estão juntos. E é nesse campo onde se está a desenvolver hoje o discurso sobre a santidade da Igreja<sup>29</sup>.

---

<sup>28</sup> S. JOÃO CRISÓSTOMO, *Homilia I de Sancta Pentecostes*, 2.

<sup>29</sup> Sirvam, como confirmação desta idéia, algumas palavras do pregador da Casa Pontifícia: “Ao final, Madre Teresa [de Calcutá], como Maria, disse a Deus seu pleno fiat, «Sim». O disse com os feitos que conhecemos e o disse com alegria. A palavra grega traduzida em latim com fiat é ‘genoito’. Na tradução se perde lamentavelmente uma nuance importantíssima: ‘genoito’ está no modo optativo, não concessivo como fiat: não expressa simples assentimento ou resignação a que uma coisa ocorra (é como dizer: «se não pode fazer de outro modo, de acordo, fiat voluntas tua!»); expressa, ao contrário, desejo, impaciência, alegria de que ocorra uma coisa. Por isso se chama modo «optativo». «Deus ama quem dá com alegria» (2Cor 9,7): uma palavra que Madre Teresa não se cansava de fixar em suas filhas, mas que, sobretudo, mostrou com seu sorriso toda a vida. (...) Todos os grandes empreendimentos de santidade da Bíblia e da história da Igreja repousam sobre um «sim» dito a Deus, no momento em que ele revela pessoalmente a alguém sua vontade. Da fê-obediência de Abraão, a Escritura faz depender toda a história sucessiva do povo eleito: «Por tua descendência se bendirão todas as nações da terra, porque obedeceste à minha voz» (Gn 22, 18); da fê-obediência de Maria, Deus quis fazer depender o início da nova e eterna aliança” (R. CANTALAMESSA, «Sai da tua terra e vai». *Primeira pregação de Advento ao Santo Padre e*

Desde outro ponto de vista, um teólogo contemporâneo detectava a mesma questão, quando afirmava que a teologia atual tinha esquecido algo ao pensar ou reduzir o sobrenatural ao sobrenatural *quoad modum*, isto é, ao que é infundido por Deus ou é causado por Deus. Por isso, ficariam de fora dessa consideração do sobrenatural os atos de virtude do homem em graça que o aproximam a Deus<sup>30</sup>. No tema que nos ocupa, esse esquecimento ou redução do sobrenatural leva a um empobrecimento do discurso sobre a santidade da Igreja. Como tentamos mostrar nestas linhas, o pontificado de João Paulo II foi rico em ensinamentos e fatos nos que se renovou esta dimensão, com uma clara orientação eclesial.

Feitas essas considerações, concluímos a nossa reflexão, evocando a afirmação do Símbolo dos Apóstolos: *credo Ecclesiam Unam, Sanctam, Catholicam et Apostolicam* e o comentário de São Tomás a esta parte do Símbolo. Nele diz que a Igreja é objeto de fé, na medida em que cremos que é obra do Espírito Santo<sup>31</sup>. Esse ato de fé não é, portanto, um ato de fé dirigido à Igreja. Com outras palavras, não é a mesma coisa dizer “creio em

---

à *Cúria romana*, 5-XII-2003). O texto integral pode ler-se na Home Page do autor ([www.cantalamessa.org](http://www.cantalamessa.org)).

<sup>30</sup> Cf. F. OCÁRIZ, *Hijos de Dios en Cristo*, Pamplona, 1972, p. 134.

<sup>31</sup> “La Iglesia es, pues, objeto de fe, pero lo es como efecto de la acción salvadora de Dios, en el que creemos. Santo Tomás lo expresaba con su habitual profundidad con ocasión de hacer una interpretación de san Anselmo, que recogía la tradición del Símbolo Apostólico con la forma menos común (“credo *in sanctam Ecclesiam*”). Escribe santo Tomás: «Si prefiere decirse *in sanctam Ecclesiam*, hay que entenderlo referido al Espíritu Santo, que es el que, según nuestra fe, santifica a la Iglesia; de manera que el sentido sea: creo en el Espíritu Santo (*in Spiritum Sanctum*) que santifica a la Iglesia (*sanctificantem Ecclesiam*). Pero – agrega – es mejor, según el uso tradicional, que no se ponga la preposición *in*»” (P. RODRÍGUEZ, *Theological Method for Ecclesiology*, en P. PHAN (ed.), “The Gift of the Church”, Collegeville (MI) 2000, p. 138 (o texto publicado está em inglês, mas a citação foi tirada do original do mesmo autor em castelhano; a citação de S. Tomás de Aquino é tirada de *STh* II-II, q. 1, a. 9, ad 5).

Deus” e dizer “creio na Igreja”. Quando dizemos “creio na Igreja”, estamos a afirmar que acreditamos no Espírito Santo que santifica a Igreja, isto é, que a Igreja santa é obra de Deus, que, sob o seu influxo e ajuda, a Igreja se santifica. A santidade da Igreja aparece, portanto, como fruto da ação do Espírito Santo no Povo de Deus. Hoje, mais do que antes, a mensagem que João Paulo II nos transmitiu é essa confissão de fé no Espírito Santo, que santifica a Igreja e, portanto, que santifica cada cristão, torna-o santo: muito divino e muito humano. Visto que isto é assim, é possível erigi-lo em possibilidade orientadora de toda a pastoral da Igreja... e é possível proclamá-lo em cada beatificação e em cada canonização, quando a Igreja no seu conjunto dá glória a Deus pelas suas grandes obras, entre as quais se encontra a santificação dos homens.

No Magistério do último Papa assistimos a uma abertura do discurso sobre a santidade da Igreja. Nele se entrelaçam a teologia espiritual e a eclesiologia, nele a santidade deixa de ser vista na óptica do “Deus e eu”; nele vai-se descobrindo o reflexo das ações de cada homem em graça no corpo eclesial; nele há um novo espaço de participação dos filhos de Deus na sua Igreja. Estamos diante duma perspectiva rica em conseqüências pastorais, que o servo de Deus João Paulo II fez crescer durante o seu pontificado. Fica a esperança de que dê frutos abundantes na Igreja do terceiro milênio.